



BOLETIM

GEOCORRENTE

ANO 6 • Nº 114 • 16 DE ABRIL DE 2020

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção "Temas Especiais".

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).



DIRETOR DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL
CONTRA-ALMIRANTE PAULO CÉSAR BITTENCOURT FERREIRA

**SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS
GRADUAÇÃO DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL**
CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E
SILVA

CONSELHO EDITORIAL
EDITOR RESPONSÁVEL
CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO FARIA DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO
CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS
1º TENENTE (RM2-T) JANSEN COLI CALIL N. ALMEIDA DE OLIVEIRA (EGN)
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)

DESIGN GRÁFICO
MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO
RODRIGO ÁBREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)
FRANCO NAPOLEÃO AGUIAR DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-Rio)
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UFRJ)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)
ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)
CAROLINA CÔRTEZ GÓIS (PUC-Rio)
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)
VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-Rio)
VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

EUROPA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)
GLAYCE KEROLIN RODRIGUES MAXIMIANO (UFRJ)
MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)
MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)
THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)
SHAKILA DE SOUSA AHMAD (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)
LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHES)
BEATRIZ MENDES GARCIA FERREIRA (UFRJ)
CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)
GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)
JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UFRJ)
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIVERSIDADE DE SANTIAGO)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)
LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)
RODRIGO ÁBREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL

Venezuela: diminuição do apoio econômico russo e pressão dos EUA..... 5

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Hipersônicos no centro de uma corrida armamentista 6
México: fronteiras fechadas e narcotráfico em expansão 6

ÁFRICA SUBSAARIANA

A insurgência extremista no norte de Moçambique..... 7

EUROPA

Tecnologias autônomas em uso pelas Marinhas britânica e norte-americana.. 7
Operação Irini, a nova missão naval da União Europeia no Mediterrâneo 8
França: operação Resilience face à COVID-19 9

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Cooperação marítima entre Irã e Paquistão..... 10

RÚSSIA & Ex-URSS

A roleta russa do petróleo..... 11

LESTE ASIÁTICO

Coreia do Norte e os lançamentos de mísseis de março..... 11
A deterioração das relações entre China e Vietnã 12

SUL DA ÁSIA

Encruzilhada política vira obstáculo para investimentos externos no Afeganistão..... 12

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

O problema hídrico tailandês 13

ÁRTICO & ANTÁRTICA

O fortalecimento da defesa estadunidense e da OTAN no Ártico 14

Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa..... 15

Calendário Geocorrente..... 15

Referências..... 16

Mapa de Riscos.....17

10 PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Sem considerar a pandemia de COVID-19



Alto Risco

Médio Risco

Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 17.

ACOMPANHAMENTO COVID-19

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "Situation report – 87", da OMS, publicado no dia 16 de abril de 2020.



ACOMPANHAMENTO DOS PAÍSES						
#	País	Número total de casos	Novos casos (últimas 24h)	Número de óbitos registrados	Nº casos/100 mil habitantes	Nº óbitos/100 mil habitantes
1º	ESTADOS UNIDOS	604.070	25.802	25.871	184,64	7,91
2º	ESPANHA	177.633	5.092	18.579	380,18	39,76
3º	ITÁLIA	165.155	2.667	21.647	273,30	35,82
4º	ALEMANHA	130.450	2.866	3.569	157,31	4,30
5º	FRANÇA	105.155	2.622	17.146	156,98	25,60
6º	REINO UNIDO	98.480	4.603	12.868	148,12	19,35
7º	CHINA	83.797	52	3.352	6,02	0,24
8º	IRÃ	76.389	1.512	4.777	93,39	5,84
9º	TURQUIA	69.392	4.281	1.518	84,30	1,84
10º	BÉLGICA	33.573	2.454	4.440	293,93	38,87
15º	BRASIL	25.262	1.832	1.532	12,06	0,73
31º	AUSTRÁLIA	6.458	42	63	25,84	0,25
50º	ÁFRICA DO SUL	2.506	91	34	4,34	0,06

Fontes: Organização Mundial da Saúde; Banco Mundial

Venezuela: diminuição do apoio econômico russo e pressão dos EUA

Adriana Escosteguy e Gabriela Nogueira

Em 28 de março de 2020, a *Rosneft Oil Company* anunciou o fim de suas operações na Venezuela, extinguindo sua estratégia de expansão implementada no país desde a abertura econômica promovida por Nicolás Maduro em 2020 ([Boletim 111](#)). A *Rosneft* buscou preservar-se do impacto das sanções impostas pelo governo dos Estados Unidos a suas subsidiárias, acusadas de burlar o embargo econômico norte-americano ao petróleo venezuelano. Maduro garantiu o apoio econômico de Moscou dado o anúncio da compra dos ativos da *Rosneft* por outra empresa estatal russa. Porém, o impacto da recente queda do preço do petróleo na economia da Rússia a impedirá de expandir investimentos essenciais, como o combate da COVID-19 na colapsada Venezuela.

Maduro enfrenta pressão norte-americana por sua saída imediata. Em 26 de março, o presidente venezuelano foi indiciado pelo Departamento de Justiça dos EUA (DOJ) por narcoterrorismo e tráfico de drogas, e o DOJ ofereceu recompensa de US\$ 15 milhões por informações do acusado. Ademais, o governo dos EUA anunciou, em 1º de abril, o início de uma “operação antidrogas” executada pelo Comando Sul dos Estados Unidos (*USSOUTHCOM*), que dobrará a capacidade militar norte-americana no Mar do Caribe e no Pacífico Oriental. O *USSOUTHCOM* não divulgou seu planejamento nem a

quantidade exata dos recursos despendidos por questões de segurança operacional. Entretanto, sabe-se que foram enviados helicópteros e aeronaves dos EUA (*E-3 Sentry*, *AWACS*, *E-8 Joint STARS* e *P-8*), bem como unidades da *Security Force Assistance Brigades* (SFABs). Quanto às embarcações, foram empregados contratorpedeiros, navios de combate litoral (LCS) e navios da Guarda Costeira dos EUA, além de embarcações do Comando Europeu dos Estados Unidos (EUCOM) e do Comando Indo-Pacífico dos Estados Unidos (USINDOPACOM). Esta operação coincide com a revisão dos programas de defesa dos Comandos Militares dos EUA ([Boletim 112](#)), mas não evidencia uma eventual intervenção militar na Venezuela ([Boletim 90](#)).

Contudo, o recrudescimento da pressão de Donald Trump sobre Maduro — em parte influenciada pela proximidade com as eleições presidenciais de novembro —, poderá precipitar uma intransigência do governo venezuelano no processo de negociações entre parlamentares chavistas e de oposição sobre as condições eleitorais das eleições parlamentares venezuelanas, no final de 2020. Estas serão de fundamental importância para o futuro da aguda crise política entre governo e a oposição majoritária, apoiada pelo governo norte-americano.



Hipersônicos no centro de uma corrida armamentista

Ana Carolina Farias

No dia 19 de março de 2020, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DoD) testou com sucesso o *Common Hypersonic Glide Body* (C-HGB), um míssil hipersônico. O experimento conduzido no Havaí foi uma operação conjunta entre o Exército e a Marinha americana, sendo um importante marco na corrida do Pentágono para alcançar Moscou e Pequim quanto ao desenvolvimento de armamentos hipersônicos.

Isto constata o avanço desde o primeiro teste conjunto realizado em outubro de 2017, no qual o C-HGB conquistou capacidade de planador hipersônico. As armas hipersônicas são capazes de voar mais de cinco vezes a velocidade do som, podendo ser operadas em diferentes altitudes, e sendo possível modificar seus trajetos durante o voo, sendo aptas a atingir alta velocidade em minutos. O sucesso do experimento é um passo crucial para a conquista da capacidade hipersônica almejada pelos Estados Unidos até 2023, uma das prioridades do DoD.

O orçamento solicitado para o programa, para o ano

fiscal de 2021 foi de US\$ 3.2 bilhões, um aumento de US\$ 6 milhões em comparação a 2020. As forças americanas estão trabalhando em conjunto com a indústria de defesa para o desenvolvimento do míssil, sendo a Marinha a responsável pelo design e o Exército pela produção. O C-HGB, quando completo, vai ser composto por uma ogiva de armas convencionais, um escudo de proteção térmica, e poderá ser lançado da terra, do mar ou do ar.

O desenvolvimento de capacidade hipersônica tem como maior incentivo o anseio por alcançar os avanços de seus principais rivais. A Rússia declarou em dezembro do ano passado ter a primeira arma hipersônica operacional do mundo, a *Avangard hypersonic missile*, enquanto que a China apresentou o *DF-17 hypersonic glide vehicle*, no desfile militar do dia nacional chinês, em 1º de outubro de 2019. Os investimentos dos EUA são relevantes, fazendo-se necessária maior atenção por parte dos demais países para a corrida armamentista por aparatos hipersônicos das três grandes potências.

México: fronteiras fechadas e narcotráfico em expansão

Victor Cabral

Em 21 de março de 2020, entrou em vigor um decreto dos Estados Unidos que permite a expulsão de imigrantes indocumentados antes mesmo de passarem por triagens nos centros migratórios. Os indocumentados que estavam sob custódia do Escritório de Aduanas e Proteção Fronteiriça estão sendo devolvidos ao México e Canadá, somando mais de 10 mil devoluções. Apenas 100 pessoas seguem sob custódia, em comparação com outras 20 mil em março de 2019.

A medida reduziu em 56% a entrada de imigrantes indocumentados e reflete o fechamento de fronteiras que os Estados Unidos impuseram para evitar a disseminação da COVID-19. As fronteiras fechadas acarretam na impossibilidade de mexicanos que vivem no entorno desta trabalharem na indústria de agricultura, no comércio ou nos setores de serviços estadunidenses, ocasionando falta de mão de obra e desemprego num momento de crise. O atual perfil de 70% dos detidos na fronteira sul é de homens mexicanos solteiros, preferência dos narcotraficantes internacionais, enquanto os demais são provenientes do Triângulo Norte da América Central. Os que não conseguem cruzar a fronteira são devolvidos ou permanecem expostos à violência do narcotráfico, que assola o México há anos ([Boletim 106](#)).

A crise de violência bateu recorde em março de 2020, quando mais de 2.500 pessoas foram assassinadas no país, tornando-se o mês mais sangrento da história do México. A preocupação de analistas de segurança pública é que a necessidade de gastos governamentais para o controle da pandemia da COVID-19 possa desviar recursos da segurança. Destacam-se as constantes disputas por controle territorial visando ao mercado de drogas ou tráfico de armas pelos narcotraficantes. Recentemente, alguns dos principais grupos de narcotráfico mexicanos, como o *Cartel Jalisco Nueva Generación* e o *Cartel de Sinaloa*, protagonizaram divisões internas e espalhamento dos grupos para novas regiões, acendendo um alerta para as autoridades.

Com a perda dos 346 mil postos de trabalho conquistados em 2019 em apenas duas semanas, e recessão iminente, a crise econômica no México poderá agravar a violência com novos casos de extorsão, sequestros, desvios de ajudas de entidades públicas e privadas para enfrentamento da pandemia, disputas entre narcotraficantes e a sua expansão pela cooptação dos desempregados e dos migrantes que forem obrigados a permanecer no país.

A insurgência extremista no norte de Moçambique

Franco Alencastro

Os ataques de grupos extremistas islâmicos no norte de Moçambique atingiram um ponto culminante no dia 23 de março de 2020, quando combatentes capturaram a cidade portuária de Mocimboa da Praia, na província de Cabo Delgado. Os combatentes abandonaram a cidade no dia seguinte à invasão. Dois dias depois, a ofensiva prosseguiu com um ataque sobre a cidade de Quissanga, durante o qual a delegacia de polícia local chegou a ser tomada pelos criminosos, antes que os combatentes recuassem.

Apesar de nenhum grupo reivindicar a autoria dos ataques, as forças de segurança que estavam presentes atribuíram a empreitada criminosa ao Estado Islâmico — Província da África Central, grupo extremista que se apresenta como braço do Estado Islâmico na África Oriental. A presença do grupo na região foi confirmada pela União Africana em maio de 2018. Deve-se destacar, contudo, que a insurgência em Moçambique teve início meses antes, em outubro de 2017, sendo liderada por células ligadas ao grupo *Ansar-Al-Sunna*, que se apresenta como braço moçambicano do grupo somali *Al Shabaab*. Apesar dos dois grupos terem sido rivais na Somália, não há indicação de que a rivalidade se estende a Moçambique.

A insurgência se apresenta como o maior desafio para o mandato do presidente recém-reeleito, Filipe Nyusi. Os combates na região ameaçam grandes projetos no setor de gás natural, uma vez que reservas estimadas em US\$ 60 bilhões foram descobertas na costa de Cabo Delgado. Em outubro passado, a empresa norte-americana *Exxon* havia anunciado sua intenção de investir o montante de US\$ 500 milhões na extração de gás natural no distrito de Palma, localizado a 90 km de Mocimboa da Praia. A insurgência apresenta assim um desafio ao desenvolvimento de

Moçambique, que ainda lida com os efeitos de dois furacões ocorridos em 2019. O país tem procurado auxílio internacional contra os grupos extremistas, sendo que em setembro de 2019 desembarcaram no país 160 combatentes do grupo *Wagner*, companhia militar privada russa que já atuou no conflito da Ucrânia. Até o momento não há informações sobre a presença de forças militares dos países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) apoiando os moçambicanos nesta crise. Cabe lembrar que Moçambique é o único país da CPLP no Oceano Índico, um oceano cada vez mais relevante do ponto de vista do tráfego marítimo internacional.



EUROPA

Tecnologias autônomas em uso pelas Marinhas britânica e norte-americana

Matheus Mendes

A Marinha Real britânica realizou, no início de Março (2020), o exercício *Autonomous Advance Force* na Noruega. O objetivo foi utilizar embarcações autônomas em um ambiente operacional, como é o caso do Ártico. Foram utilizados um bote autônomo *Mast 13* (imagem), com função de escolta a navios de guerra; um drone de carga da *Malloy Aeronautics*; um Sistema de Aeronave Remotamente Pilotada (RPAS) da *Puma*; e um veículo submarino não-tripulado (UUV) *Remus*. Esta não foi a primeira vez que os britânicos utilizaram

veículos autônomos em exercício: em 2019, estes tipos de embarcação foram usados no Exercício *Commando Warrior* para apoio tático.

Do outro lado do Atlântico, os Estados Unidos também têm investido em tecnologia autônoma naval. Existe um planejamento de realização de atualizações ao Sistema C4I do porta-aviões *Abraham Lincoln* para testes em 2021. Os *softwares* vão incluir novos algoritmos e auxiliares de gerenciamento de batalha para a esquadra, sem a necessidade de equipes presenciais. O desafio atual >>

é fazer com que as atualizações não comprometam a segurança do sistema. Para resolver isso, tem-se adotado a ideia de gêmeos digitais, réplicas dos *softwares* usados no navio baseadas em nuvem.

O debate acerca da utilização de meios autônomos em qualquer ambiente (terrestre, marítimo ou aéreo) não é recente e diverge tanto no uso comercial como militar. Ainda existem muitas opiniões contrárias à utilização de veículos não tripulados em combate devido a questões morais e desproporcionalidade de forças empregadas.

Apesar da aparente inevitabilidade no desenvolvimento de tais tecnologias, dada sua incorporação por diversos países, ainda há muitas discussões abertas por diferentes vieses em relação ao tema. O primeiro deles perpassa pela própria definição

de “autonomia” nesse uso, não padronizada entre os países. Tal questão terá seu impacto no longo prazo, dado que, enquanto hoje a maioria dos veículos é remotamente operada ou supervisionada, a tendência futura de desenvolvimento e sofisticação de inteligência artificial levará a uma redução ainda maior do papel “humano”. Todas as questões éticas, legais, morais e políticas envolvendo o tema ainda demandam normas e tratados que introduzam instrumentos legais e de controle internacionais.

Portanto, é importante analisar o movimento das Marinhas acerca deste tema e como elas vêm buscando contornar as dificuldades impostas com orçamentos mais enxutos e diminuição de pessoal.



Fonte: Naval Technology

Operação Irini, a nova missão naval da União Europeia no Mediterrâneo

No dia 31 de março de 2020, o Conselho da União Europeia (UE) aprovou a sua nova missão naval no Mediterrâneo, chamada de *EUNAVFOR MED IRINI*. A operação *Irini* (a palavra grega para paz) tem como principal objetivo interceptar, por meios navais e aéreos, o tráfico de armas ilícitas usadas para fomentar o conflito civil na Líbia e irá substituir a operação *Sophia*, em vigor desde 2015. Esta ajudou a interceptar o tráfico e o contrabando de seres humanos no Mediterrâneo central, resgatando mais de 44 mil vidas durante seu mandato.

Apesar de substituir oficialmente a operação *Sophia*, a *Irini* tem um foco bem diferente. A operação faz parte da Política Comum de Segurança e Defesa (PCSD) da UE, que vem aprimorando suas missões militares e civis desde o Tratado de Amsterdã (1999), quando as

Missões de Petersberg foram incorporadas ao Tratado da UE. A missão militar, com base operacional em Roma, poderá abordar navios suspeitos de traficar armas e será comandada pelo contra-almirante italiano Fabio Agostini. O mandato da operação *Irini* se baseia nas resoluções 1970 (2011) e 2292 (2016) do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), que decidiu por um embargo de armas à Líbia em 2011.

A importância estratégica da Líbia para o bloco europeu se deve a diversos fatores. Primeiramente, às reservas de hidrocarbonetos, que chegam diretamente à Itália pelo gasoduto *GreenStream*. Além disso, o bloco quer proteger o seu entorno estratégico. Atualmente, países como a Turquia e a Rússia, envolvidos em lados opostos do conflito líbio, agem como atores >>

desestabilizadores na região ([Boletim 111](#)). De fato, a ação da operação *Irini*, ao largo da costa líbia, servirá para interceptar carregamentos de armas enviadas por países como a Turquia, que se utilizam de vias marítimas para desrespeitar o embargo. Importante lembrar que a Turquia apoia o governo oficial em Trípoli, liderado

pelo primeiro ministro Fayez Al-Sarraj. Para que a UE não seja acusada de favorecer o lado do General Khalifa Haftar, o bloco precisa também bloquear a entrada de armas pela fronteira terrestre com o Egito, que são usadas pelo Exército Nacional Líbio (LNA, sigla em inglês) na ofensiva contra Trípoli.



França: operação Resilience face à COVID-19

A operação *Resilience*, lançada pelo presidente Emmanuel Macron no dia 25 de março, visa coordenar toda atividade militar no combate à COVID-19 em território francês. Esta operação insere-se na declaração do presidente de que a França está em guerra contra a COVID-19. A ênfase dada ao termo “guerra” evidencia a importância das Forças Armadas neste combate, atuando na evacuação aérea de pacientes, aliviando estruturas hospitalares, fornecendo materiais sanitários e garantindo suporte aos territórios ultramarinos.

Vale ressaltar que a França possui a segunda maior zona econômica exclusiva do mundo e, portanto, o papel da *Marine Nationale* é fundamental ao Estado francês não só como força de dissuasão, mas também para garantir a autonomia e a assistência a todo seu território e população. Os três porta-helicópteros anfíbios da Marinha, com capacidade para 69 leitos, foram mobilizados nesta operação. O navio *Tonnerre*

Thais Dedeo

foi enviado para evacuar pacientes da Ilha de Córsega, o *Dixmude* para região das Antilhas-Guiana e o *Mistral* para a Ilha da Reunião e Mayotte no Oceano Índico. O *Dixmude* e o *Mistral* tiveram suas missões reorientadas e agora estão encarregados de fornecer uma carga de material e equipamentos médicos, fortalecendo as capacidades do Estado de realizar evacuações médicas por meio de helicópteros, apoiar as forças de segurança locais ou agir como hospital, caso necessário, e pelo reforço da estrutura sanitária dos navios.

Segundo a ministra das Forças Armadas, Florence Parly, o primeiro desafio para as Forças Armadas francesas atualmente, além de lidar com a urgência da pandemia, é assegurar a continuidade das operações no exterior e dentro do território nacional no seu mais alto nível. Entretanto, o país já conta com 600 militares infectados, quatro desses militares integram a *Barkhane* (na região do Sahel), principal operação externa da França. Ademais, foi antecedida a retirada dos 200 »

militares franceses do Iraque e o porta-aviões *Charles de Gaulle* retornou quinze dias antes à base naval de Toulon por ter 50 casos de COVID-19 a bordo. A França reitera seu comprometimento na luta contra o terrorismo apesar

da pandemia, contudo, as Forças Armadas e, sobretudo a *Marine Nationale*, permanecem atuando acima de suas capacidades ([Boletim 111](#)) e os efeitos disso serão um verdadeiro desafio para o país.

OPÉRATION RÉSILIENCE
Les Porte-Hélicoptères Amphibies déployés

LE DIXMUDE
Le Dixmude a appareillé de Toulon le 3 avril. Il pourra appuyer les commandants supérieurs des forces armées aux Antilles et en Guyane et les aider à gérer les conséquences de l'épidémie en soutien des autorités civiles. Le Dixmude stationnera dans la zone, où il pourra assurer des missions logistiques ou de transport afin de garantir aux populations la satisfaction de leurs besoins de première nécessité. Le PHA Dixmude transporte des hélicoptères de manœuvre qui permettront d'atteindre les zones les plus reculées, transférer du personnel ou acheminer du matériel.

Il transportera

- 4 hélicoptères (2 PUMA armés de terre, 1 Ecureuil de la gendarmerie nationale, 1 EC 145 de la sécurité civile)
- 2 équipes de désinfection du 2^e régiment de Dragons
- Du matériel fourni par les ministères mais aussi par EDF, la Croix Rouge et Air Liquide
- L'essentiel du fret a été chargé à Toulon par le 519^e régiment du train.

LE TONNERRE
Ajaccio (Corse du Sud)
Parti de Toulon le 21 mars, le PHA Tonnerre a embarqué à Ajaccio 12 patients et a appareillé le 22 mars pour Marseille, où ils ont été pris en charge dans les hôpitaux de la région PACA.

LE MISTRAL
Engagé depuis février 2020 pour la mission Jeanne d'Arc 2020, le Mistral s'est reconstitué pour se déployer en zone sud de l'océan Indien. Il va dans un premier temps rejoindre Mayotte, à compter du 4 avril. Il embarque des moyens amphibies, des hélicoptères et une cinquantaine de soldats d'un groupement tactique embarqué (GTE), qui viendront compléter les effectifs du détachement de légion étrangère de Mayotte (DLEM), renforçant ainsi ses capacités militaires et logistiques afin d'assurer les missions au profit de la population du département. Les prochaines actions de soutien seront définies ensuite en coordination avec les autorités civiles de la zone.

Forces Armées dans la Zone Sud Océan Indien (FAZSOI)
Mayotte, Ile de la Réunion

État-major des armées | avril 2020
#EMMagasin

Fonte: Ministère des Armées

ORIENTE MÊDIO & NORTE DA ÁFRICA

Cooperação marítima entre Irã e Paquistão

No dia 06 de março de 2020, o atual presidente do Senado do Paquistão, Muhammad Sadiq Sanjrani, reuniu-se com o embaixador iraniano Seyed Mohammad Ali Hosseini. Durante a reunião, foram abordados tópicos de interesse mútuo e questões bilaterais tais como expandir a cooperação marítima, incluindo as esferas de portos e serviços de navegação entre o Paquistão e o Irã.

Ao analisar o tabuleiro regional, é crucial atentar para o fato de que, apesar de Teerã e Islamabad terem laços históricos amistosos, recentemente, as rivalidades entre vizinhos parecem estar afetando a relação bilateral de ambos. O Irã tem parceria chave com a Índia, principal rival regional do Paquistão, voltada ao porto de Chabahar. A importância deste porto pode ser representada por três aspectos principais: primeiro, reduz a influência que o Paquistão ainda possui para o comércio marítimo do Sul da Ásia. Segundo, garante à Índia o acesso aos países do Golfo Pérsico e à Ásia Central, via Afeganistão, e a segurança energética do país, que importa cerca de 80% de todo petróleo que consome atualmente. Além disso, é importante destacar que, apesar de Irã e Paquistão seguirem a religião islâmica, divergem na medida em que o Paquistão é majoritariamente sunita e o Irã xiita.

Assim, a reunião de março se insere como um movimento estratégico pendular para obter benefícios no ambiente regional e interesses comerciais fronteiriços, dado o colapso da economia iraniana devido às sanções

financeiras e petrolíferas impostas pelos Estados Unidos. Cabe lembrar que as tensões Irã-EUA aumentaram em janeiro deste ano, depois que o presidente norte-americano, Donald Trump, ordenou a morte do general iraniano Qassem Soleimani. Diante desse cenário, o atual primeiro-ministro do Paquistão, Imran Khan, solicitou aos EUA e ao Irã que evitassem mais escaladas e se ofereceu para mediar a situação.

Por fim, considerando a atual instabilidade no Irã, a ideia de operacionalizar relações com o Paquistão é vista como um posicionamento pragmático com o objetivo de garantir proteção contra interfaces de países vizinhos. Além disso, a relação bilateral entre ambos os países parece estar caminhando para um nível estratégico, tornando importante o acompanhamento, visto que pode impactar o cenário da balança de poder e interesses geopolíticos na região.



A roleta russa do petróleo

Envolto pela crise do petróleo e da COVID-19, os primeiros meses deste ano trouxeram mudanças significativas ao cenário energético global, com o preço do petróleo caindo abaixo de US\$ 30 o barril ([Boletim 112](#)). Tendo em vista que a comercialização de petróleo e gás representa 66% das exportações russas, Anton Siluanov, ministro de Finanças, estima uma redução de cerca de US\$ 39,5 bilhões na receita anual proveniente dos recursos energéticos dentro do planejado para o ano de 2020.

Porém, apesar de viver um relativo isolamento internacional desde 2014 (ano da crise da Ucrânia, com a incorporação da Criméia), a economia russa consegue sobreviver à flutuação no preço do petróleo baseada na regra fiscal de 2017. Essa política reduz a volatilidade da receita ao exigir que o orçamento russo seja equilibrado com o valor do barril um pouco acima de US\$ 40, dissociando a taxa de câmbio entre rublo e dólar do preço do petróleo. Concomitantemente, valores acima do estabelecido eram canalizados para o *National Wealth Fund*, o qual atingiu US\$ 150 bilhões em 1º de março, sendo suficiente, segundo autoridades russas, para cobrir gastos orçamentários em um período de seis a dez anos,

Luiza Guitarrari

enquanto o preço do barril do petróleo se mantiver entre US\$ 25 e US\$ 30. Ademais, de acordo com *S&P Global*, as refinarias russas seguem operando normalmente: os dois principais derivados, gasolina e diesel, continuarão sendo negociados na Bolsa Mercantil Internacional em São Petersburgo.

Assim, sendo um dos principais exportadores mundiais de combustíveis, a Rússia busca fazer com que a demanda volte a crescer. Enquanto busca ampliar o número de compradores para suprir seu excedente energético, formalizou o acordo de fornecimento de petróleo com destino às refinarias da Bielorrússia. O novo acordo atendeu às demandas tarifárias de Minsk, com desconto de US\$ 15,57 por tonelada e estima-se que, a partir deste mês, 480.000 barris por dia (bpd) serão exportados.

Observa-se, assim, que o país parece contar com reservas financeiras e recursos suficientes para manter sua participação no mercado energético. Mas com a crise econômica mundial relacionada à pandemia, não é possível afirmar quais serão os impactos na economia russa nos próximos anos e seus impactos geopolíticos.

LESTE ASIÁTICO

Coreia do Norte e os lançamentos de mísseis de março

O mês de março foi marcado por uma série de lançamentos de mísseis balísticos pela Coreia do Norte, sendo os primeiros testes realizados pelo país no ano de 2020. Houve oito disparos no total, e as operações, realizadas nos dias 2, 8, 20 e 28 de março, tiveram como protagonistas os mísseis *KN-24* e *KN-25*, de curto alcance e convencionais (não nucleares), utilizados no intuito de familiarizar as tropas quanto ao seu funcionamento durante a realização de testes operacionais de ambos os modelos.

Essa frequência incomum de testes pode ser explicada pela conjuntura internacional atual, marcada pelo caos gerado pela COVID-19 e a reorientação da política externa norte coreana frente à infrutífera negociação com os Estados Unidos, atualmente congelada. Em relação à situação causada pelo vírus, é possível ler a realização desses exercícios como uma forma de manter as tropas do país adestradas após a quarentena imposta no país desde o final do mês de janeiro. Além disso, a realização desse movimento pode ser entendida como uma mensagem de estabilidade, ao tentar demonstrar que o país conseguiu controlar a propagação da doença, possuindo, portanto, outras prioridades, como a reafirmação da centralidade da defesa nacional no topo de sua agenda, em conjunto

João Pedro Grilo

com avanços tecnológicos na área militar.

Além disso, esses ensaios podem ser entendidos como uma consequência direta da reorientação do país, divulgada na 5ª Reunião Plenária do Sétimo Comitê Central do Partido dos Trabalhadores da Coreia, realizada no final de dezembro do ano passado. Nesse evento, houve a divulgação do retorno da política de enfrentamento aos Estados Unidos, devido à incapacidade de se alcançar um consenso através de negociações e da subsequente vulnerabilidade que esse impasse vem causando ao país por tentar limitar seu avanço bélico, e da intensificação da sua produção armamentista. Portanto, a realização de novos testes parece uma consequência lógica dessa nova abordagem, que acabou sendo intensificada pelos efeitos adversos da COVID-19 no nível doméstico e internacional.

Por fim, podemos esperar uma movimentação militar mais ativa da Coreia do Norte nos próximos meses, especialmente frente ao atual cenário internacional, caracterizado pela reduzida capacidade de mobilização e punição da comunidade internacional, e como reação ao possível agravamento das sanções que devem cair sobre o país após a normalização do sistema.

A deterioração das relações entre China e Vietnã

Rodrigo Abreu

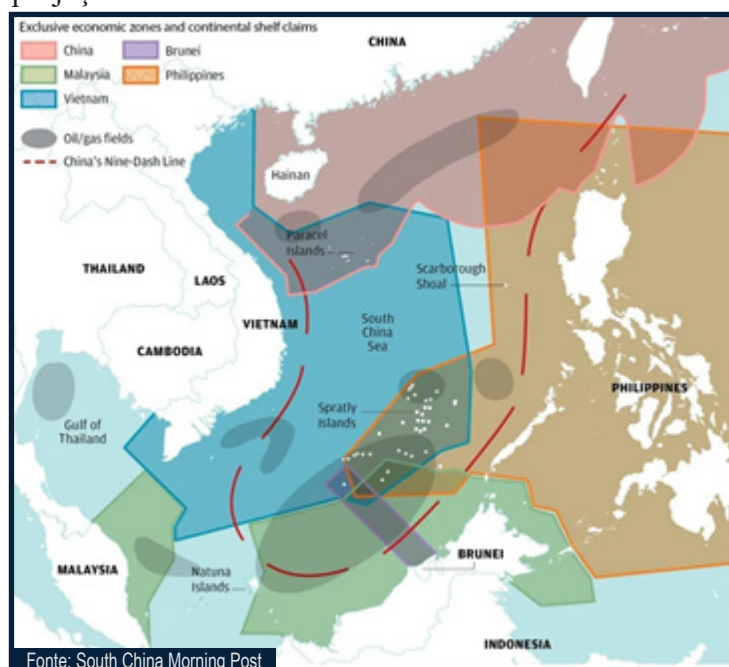
No dia 03 de abril de 2020, um navio da Guarda Costeira chinesa afundou uma embarcação pesqueira vietnamita após uma colisão próxima às Ilhas Paracel, no Mar do Sul da China (MSC). A embarcação vietnamita foi acusada pela China de pesca ilegal e de ter se chocado propositalmente contra o navio chinês. O incidente aumentou ainda mais as tensões entre Pequim e Hanói na região.

As relações entre China e Vietnã entraram em um período de deterioração na década de 1970. Em 1974, a China ocupou as Ilhas Paracel — à época sob controle do Vietnã do Sul — e integrou o arquipélago ao seu território desde então. Em 1979, houve a Guerra Sino-Vietnamita, quando a China invadiu a região norte do Vietnã, com o objetivo de retaliar ações militares vietnamitas no Camboja. Para além dos conflitos diretos, outro motivo para a deterioração das relações sino-vietnamitas foi a crescente dependência vietnamita da União Soviética (URSS), que à época havia rompido relações com a China.

A dissolução da URSS e o fim da Guerra Fria abriram o caminho para que Pequim e Hanói iniciassem um processo de reaproximação, no início da década de 1990. Com o objetivo de formar uma relação de ajuda mútua, capaz de resistir ao avanço da influência dos Estados Unidos sobre a região, os países buscaram solucionar uma série de questões diplomáticas geradas durante a Guerra Fria. Entretanto, a China manteve a posse das Ilhas Paracel e, principalmente a partir de 2009, começou a intensificar a sua projeção de influência sobre o Mar

do Sul da China. Dessa forma, a construção de ilhas artificiais, condução de operações marítimas e exercícios militares no MSC intensificaram as disputas marítimas e novamente minaram as relações entre China e Vietnã.

O crescimento econômico da China nas últimas décadas, associado ao aumento do seu poder militar e de seus objetivos de projeção global fizeram com que a relação com Hanói deixasse de ser benéfica para Pequim. Na atual conjuntura geopolítica, o Vietnã se mostra menos como um importante aliado contra a influência dos EUA na Ásia e mais como um obstáculo para a projeção chinesa sobre sua zona de influência.



SUL DA ÁSIA

Encruzilhada política vira obstáculo para investimentos externos no Afeganistão

Marina Corrêa

Após a ratificação do Acordo para Paz entre os Estados Unidos e o Talibã, em fevereiro ([Boletim 111](#)), o passo seguinte seria a retomada do diálogo doméstico e o estabelecimento “efetivo” da paz no território. Tal expectativa, contudo, não se concretizou por conta da turbulência política regional. Esse fato tem preocupado não somente atores regionais — como o Irã, que se posicionou por meio de uma declaração do Ministério das Relações Exteriores, mas também atores externos, como os Estados Unidos e a China.

Quando a declaração do Irã menciona os problemas internos do Afeganistão, refere-se ao governo e à questão das eleições. Para o país, a solução seria a criação de um governo inclusivo, unindo o atual presidente Ghani, o ex-chefe executivo Abdullah e as facções políticas - Talibã. Atrelado a esta solução está o posicionamento dos Estados Unidos, que enviou o secretário de Estado, Mike

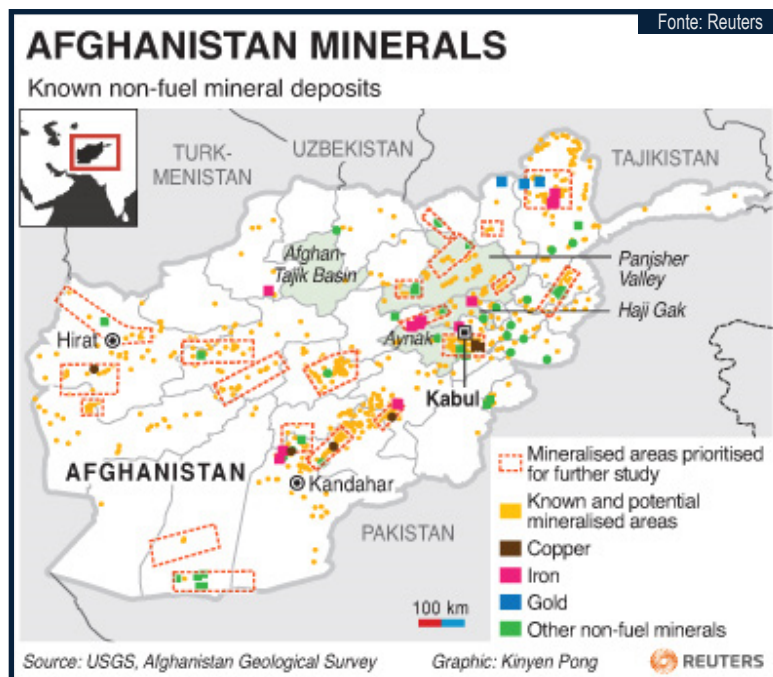
Pompeo, a Cabul, visando costurar um acordo entre o presidente e seu rival. A visita, contudo, não gerou resultados e, no dia 23 de março, declarou-se a redução de US\$ 1 bilhão em ajuda ao Afeganistão com que os EUA estavam comprometidos.

A visita de Pompeo, ao mesmo tempo que contraria a narrativa iraniana sobre a “despreocupação estadunidense”, demonstra a urgência da retirada das tropas americanas do território para Donald Trump, tendo em vista que o secretário de Estado cancelou diversas viagens por conta da COVID-19, mas manteve essa, tornando-a extraordinária, uma vez que os EUA declararam anteriormente não mais mediar negociações políticas afegãs.

A população afegã sofre, uma vez que o mundo está em meio a uma crise e cerca de 75% de seus gastos públicos são pagos por financiamento de outras nações. Ghani »

pronunciou-se a respeito dizendo que a rotina da população não será afetada e que a solução será compensada com reajustes orçamentários e fontes alternativas. Um meio de contornar este corte orçamentário é aproximar-se ainda mais da China, que possui interesses econômicos e de exploração dos recursos naturais do território e é a

maior investidora no Afeganistão, com um contrato de US\$ 4,4 bilhões para extrair cobre do campo *Mes Aynak*. Também há o interesse iraniano nos três corredores trans-afegãos, ligados à malha ferroviária, que o conectam com países da Ásia Central, os quais não possuem costa e movimentam o fluxo de seu porto.



SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

O problema hídrico tailandês

O *Eastern Economic Corridor* (EEC), projeto do governo tailandês para alavancar a capacidade industrial e investimentos no país, vem colocando à prova a capacidade de fornecimento e administração hídrica. O EEC compreende três províncias a leste do país, transformando-os em um polo industrial e tecnológico com dinâmica internacional ao estar conectado comercialmente com os demais países da ASEAN, tornando-se uma zona econômica relevante para a organização regional e desenvolvimento financeiro do país.

O crescimento econômico e populacional, contudo, vem demandando cada vez mais recursos hídricos, que são atendidos por meio da retirada em rios e aquíferos. Problemas como a qualidade no tratamento dessa água e de tratamento de esgoto urbano e industrial também são questões ainda importantes para serem solucionadas. Para isso, o governo vem se mobilizando para reformular a sua estratégia para o gerenciamento de água, com a expectativa de em 2030, ter uma maior capacidade de fornecimento e maior segurança quanto ao abastecimento para cidades, povoados e indústria.

Em relação ao EEC e a região do nordeste da Tailândia, há uma demanda muito alta pelo abastecimento

de água devido à presença tanto da indústria quanto da agricultura, com demais cidades e povoados sendo atingidos pela disputa. Como agravante, atualmente o país passa pela pior seca em 40 anos, causando não apenas o racionamento, mas também colocando pressão sobre a malha agricultora, que não dispõe de tanta influência política.

É esperado que a seca, a qual afeta principalmente esse setor (que produz em sua maioria borracha, açúcar e arroz), seja responsável pelo prejuízo de US\$ 1,5 bilhão na economia nacional. A isso, se soma o impacto que a economia já sofre pela pandemia de COVID-19, a qual afetou gravemente a importante indústria do turismo e as exportações. Espera-se que a Tailândia entre em um período de forte contração econômica vista, pela última vez, na crise global de 2008.

A complicação econômica decorrente das questões atípicas impõe um desafio para Bangkok, que vê a necessidade de executar um plano de fornecimento de água para o nordeste do país, sob o risco de comprometer camadas da economia essenciais para a geração de receita e os planos de desenvolvimento tecnológico. Deve-se atentar para as secas e enchentes, que se tornam habituais à medida que as mudanças climáticas se agravam.

Matheus Bruno Pereira

O fortalecimento da defesa estadunidense e da OTAN no Ártico

Raphaella Costa

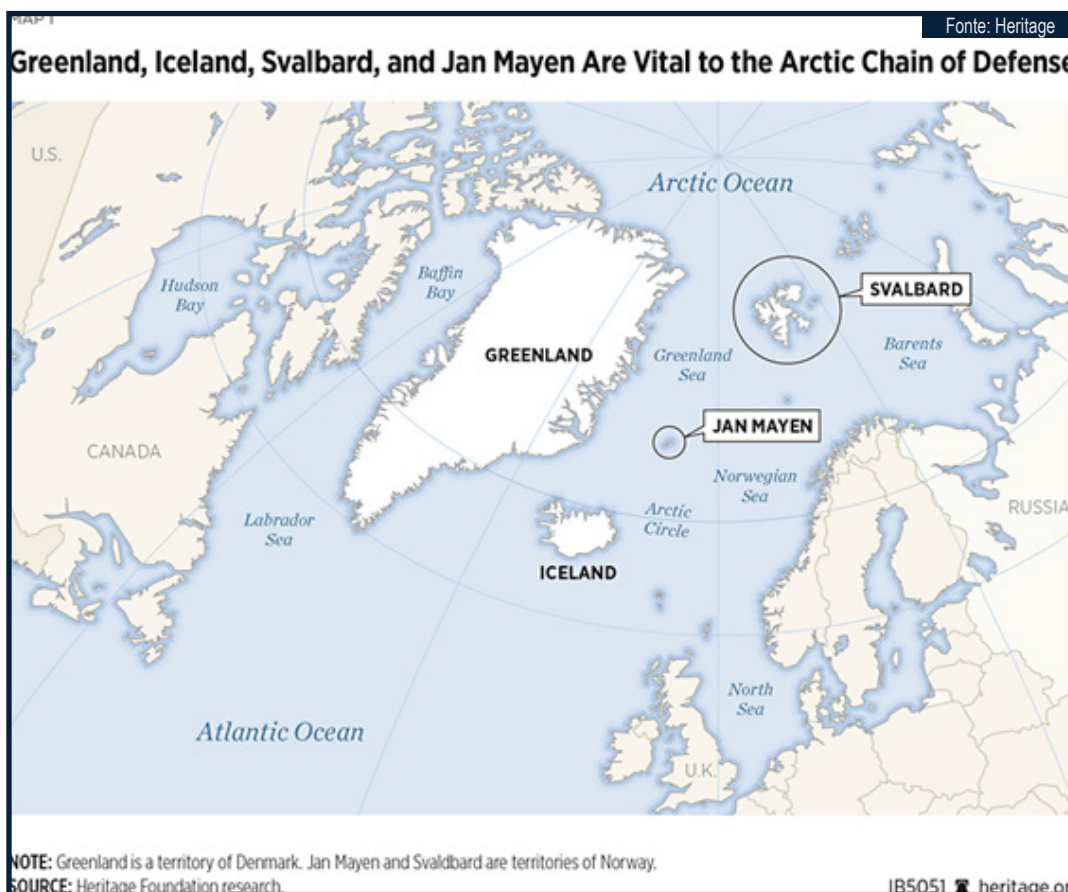
A região ártica é historicamente importante para a estratégia militar das grandes nações. Recentemente, investimentos russos têm sido desenvolvidos para que sua presença e força no extremo Norte do planeta, bem como em seu entorno estratégico, venham a ser fortalecidos. Assim, os Estados Unidos não medem esforços para que o seu raio de influência seja alargado e que sua capacidade tecnológica se torne suficientemente competitiva entre os gigantes do Ártico.

Apesar destes recentes esforços e estratégias criadas para o aumento de sua influência e presença na região, o desenvolvimento de tecnologias russas para sua militarização no Ártico tem sido superior ao estadunidense. Nos últimos anos, o investimento em infraestruturas, a preocupação com a melhoria do apoio militar e as aquisições da Rússia têm se concentrado no reforço das capacidades do país no extremo Norte do planeta. Hoje, os russos contam com pelo menos trinta e quatro instalações militares no Ártico e seus arredores, expandindo a variedade e a sofisticação dos recursos ali investidos.

Desta forma, como meio de preparação para os futuros desafios de segurança, os estadunidenses

estrategicamente se concentram em aumentar sua presença, principalmente, em quatro principais áreas: Groenlândia, Islândia, Svalbard e Jan Mayen. Embora esses investimentos tenham sido criados e a ameaça de conflito militar no Ártico continue relativamente baixa, tais territórios estão localizados na histórica passagem GIRU (Groenlândia-Islândia-Reino Unido) (Boletim 107), e são as bases de operações na região para os países dos continentes americano e europeu. Além disso, estas são estratégicas para a manutenção de uma rede de segurança e defesa para os estadunidenses e seus aliados na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) no extremo Norte do planeta.

Portanto, sob a vigilância constante de uma expansão significativa do poderio russo, os Estados Unidos devem buscar novas estratégias para que a sua influência seja relevante também no Ártico. Primeiramente, é importante que o país priorize o estabelecimento de relações estreitas com os que formam a Cadeia de Defesa do Ártico (ACOD). Islândia, Groenlândia, o arquipélago de Svalbard e a ilha Jan Mayen, ambos pertencentes à Noruega, têm localização estratégica nas quais os Estados Unidos devem investir recursos.



- ▶ [Mapping the COVID-19 Recession](#)
PROJECT SYNDICATE, Kenneth Rogoff
- ▶ [A Make-or-Break Test for American Diplomacy](#)
THE ATLANTIC, William J. Burns
- ▶ [The Coronavirus Closes Borders](#)
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman
- ▶ [The Great Game Of Gas](#)
ISPI, Alberto Belladonna, Alessandro Gili
- ▶ [Beyond Binary Choices? Navigating Great Power Competition in Southeast Asia](#)
BROOKINGS, Jonathan Stromseth
- ▶ [Twenty-Two Countries Searching for Seafloor Minerals](#)
THE MARITIME EXECUTIVE
- ▶ [Iran's Unconventional Alliance Network in the Middle East and Beyond](#)
MEI, Maysam Behravesht
- ▶ [How Coronavirus Could Make the Middle East Even More Dangerous](#)
THE NATIONAL INTEREST, Colin P. Clarke e Hajer Naili

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

ABRIL

- 20** Eleições no Iraque
- 23** Videoconferência entre líderes europeus para discutir o combate à COVID-19
- 29** Encontro do Banco Central dos EUA
- 30** Encontro do Banco Central Europeu

MAIO

- 09** Parada militar pelo Dia da Vitória, em Moscou
- 10** Eleições presidenciais na Polónia
- 15** Expiração da licença que permite que empresas dos EUA exportem componentes de telecomunicação para a China
- 25** Eleições geral no Suriname

REFERÊNCIAS

- **Venezuela: diminuição do apoio econômico russo e pressão dos EUA**

BERMÚDEZ, Ángel. [Lo que se sabe de la fuerza militar que EE.UU. desplegó cerca de Venezuela tras haber acusado a Maduro y miembros de su gobierno de narcotráfico](#). BBC News Mundo, 03 abr. 2020. Acesso em: 10 abr. 2020.

[Imagining a Resolution of Venezuela's Crisis](#). International Crisis Group, 11 mar. 2020. Acesso em: 09 abr. 2020.

- **Hipersônicos no centro de uma corrida armamentista**

ESTADOS UNIDOS. [Department of Defense Tests Hypersonic Glide Body](#). Departamento de Defesa, 20 mar. 2020. Acesso em: 26 mar. 2020.

[US successfully tests hypersonic missile in bid to catch up with China and Russia](#). South China Morning Post, 21 mar. 2020. Acesso em: 26 mar. 2020.

- **México: fronteiras fechadas e narcotráfico em expansão**

FERRI, Pablo. [México vive su mes más violento pese a la pandemia](#). El País, 02 abr. 2020. Acesso em: 09 abr. 2020.

LABORDE, Antonia. [Trump acelera las expulsiones de inmigrantes sin papeles en plena pandemia](#). El País, 09 abr. 2020. Acesso em: 09 abr. 2020.

- **A insurgência extremista no norte de Moçambique**

[Mozambique jihadists seize key town in Cabo Delgado](#). BBC, 23 mar. 2020. Acesso em: 28 mar. 2020.

HANLON, J. [Mozambique: insurgents leave Mocimboa da Praia after 1-day occupation which showed local support](#). The Open University, 25 mar. 2020. Acesso em: 28 mar. 2020.

- **Tecnologias autônomas em uso pelas Marinhas britânica e norte-americana**

GRUSS, Mike. [The Navy will test pushing new software to ships at sea](#). C4ISRNET, 19 mar. 2020. Acesso em: 28 mar. 2020.

[Royal Navy tests unmanned equipment in operational setting](#). Naval Technology, 09 mar. 2020. Acesso em: 24 mar. 2020.

- **Operação Irini, a nova missão naval da União Europeia no Mediterrâneo**

MAGERSI, Tarek. [EU's Irini Libya mission: Europe's Operation Cassandra](#). EU Observer, 03 abr. 2020. Acesso em: 04 abr. 2020.

UNIÃO EUROPEIA. [UE lança operação IRINI para fazer cumprir embargo ao armamento imposto à Líbia](#). Conselho da União Europeia, 31 mar. 2020. Acesso em: 05 abr. 2020.

- **França: operação Resilience face à COVID-19**

BAUER, Ana. [Coronavirus: l'exécutif lance l'opération militaire « Résilience » pour combattre l'épidémie](#). Les Echos, 25 mar. 2020. Acesso em: 10 abr. 2020.

LAGNEAUA, Laurent. [Pour Mme Parly, l'épidémie de coronavirus est un « défi » pour les armées](#). Zone Militaire, 17 mar. 2020. Acesso em: 10 abr. 2020.

- **Cooperação marítima entre Irã e Paquistão**

JALILOV, Orkhan. [Iran Ready To Expand Maritime Trade Cooperation With Pakistan](#). Caspian News, 08 mar. 2020. Acesso em: 23 mar. 2020.

IRNA. [Iran willing to enhance maritime cooperation with Pakistan: envoy](#). Islamic Republic News Agency, 05 mar. 2020. Acesso em: 23 mar. 2020.

- **A roleta russa do petróleo**

ASSENOVA, Margarita. [Russians Grapple With Oil Price War at a Time of Pandemic](#). The Jamestown Foundation, 25 mar. 2020. Acesso em: 27 mar. 2020.

SLAV, Irina. [The Cost Of The Oil Price War Is Growing For Russia](#). Oil Price, 25 mar. 2020. Acesso em: 27 mar. 2020.

- **Coreia do Norte e os lançamentos de mísseis de março**

PANDA, Ankit. [What was Behind North Korea's Busy March 2020 Missile Launches?](#). The Diplomat, 08 abr. 2020. Acesso em: 10 abr. 2020.

CARLIN, Robert; WIT, Joel; TOWN, Jenny. [Kim Jong Un's 2020 New Year's Address: No. Kim Jong Un Is Not Taking a Wait and See Approach](#). 38 North, 02 jan. 2020. Acesso em: 10 abr. 2020.

- **A deterioração das relações entre China e Vietnã**

[China says Vietnamese fishing boat rammed coastguard ship before sinking](#). South China Morning Post, 04 abr. 2020. Acesso em: 10 abr. 2020.

KURLANTZICK, J. [Vietnam, Under Increasing Pressure From China, Mulls a Shift Into America's Orbit](#). World Politics Review, 30 jan. 2020. Acesso em: 10 abr. 2020.

- **Encruzilhada política vira obstáculo para investimentos externos no Afeganistão**

[Ghani Reassures Afghans On Daily Life After U.S. Cuts Aid](#). Afghan Online Press, 24 mar. 2020. Acesso em: 25 mar. 2020.

PANDEY, Shubhangi. [Understanding China's Afghanistan Policy: From Calculated Indifference to Strategic Engagement](#). Observer Research Foundation (ORF), ago. 2019. Acesso em: 25 mar. 2020.

- **O problema hídrico tailandês**

MANOROM, Kanokwan. [Thailand's water shortage and inequality crisis](#). East Asia Forum, 20 mar. 2020. Acesso em: 05 abr. 2020.

BANCHONGDUANG, Somruedi. [BoT Predicts 5.3% GDP dive in 2020](#). Bangkok Post, 26 mar. 2020. Acesso em: 05 abr. 2020.

- **O fortalecimento da defesa estadunidense e da OTAN no Ártico**

COFFEY, Luke; KOCHIS, Daniel. [Strengthening America's and NATO's Arctic Chain of Defense](#). The Heritage Foundation, 27 mar. 2020. Acesso em: 02 abr. 2020.

ESTADOS UNIDOS. [Report to Congress Department of Defense Arctic Strategy](#). Departamento de Defesa, jun. 2019. Acesso em: 05 abr. 2020.

O mapa intitulado “10 Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa baseiam-se na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e mortos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 10 países com maior número de infectados, e os países com maior número de infectados na América do Sul, África e Oceania de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho e laranja de acordo com o número de casos totais.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados 10 principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

► ALTO RISCO:

- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [Clashes continue in Yemen despite ceasefire](#). Middle East Monitor, 12 abr. 2020. Acesso em: 14 abr. 2020.
- LÍBIA — Escalada da guerra civil: [Libya's GNA retakes major coastline cities in a lightning attack against Haftar's forces](#). The Libya Observer, 13 abr. 2020. Acesso em: 14 abr. 2020.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [Lo que se sabe de la fuerza militar que Trump mandó desplegar cerca de Venezuela tras hacer acusado a Maduro y miembros de su gobierno de narcotráfico](#). BBC, 03 abr. 2020. Acesso em: 14 abr. 2020.

► MÉDIO RISCO:

- SÍRIA — Tensões na região de Idlib: [Battles rage in Syria despite coronavirus cease-fires](#). Al-Monitor, 13 abr. 2020. Acesso em: 14 abr. 2020.
- GOLFO DA GUINÉ — Aumento da pirataria: [Suspicious approach in GoG, UPDATE](#). Maritime Bulletin, 12 abr. 2020. Acesso em: 14 abr. 2020.
- UCRÂNIA — Impasse sobre a Crimeia e Donbass: [Donbas war update: One KIA, one WIA after three attacks on April 12](#). Unian, 13 abr. 2020. Acesso em: 14 abr. 2020.
- IRAQUE — Tensões entre EUA e Irã: [US, Iran-backed forces in Iraq may be edging toward showdown](#). Al-Monitor, 7 abr. 2020. Acesso em: 14 abr. 2020.
- AFGANISTÃO — Incertezas no processo de paz: [Taliban Conducts 2,162 Attacks after RIV Week](#). Tolo News, 13 abr. 2020. Acesso em: 14 abr. 2020.
- HAITI — Crise sociopolítica: [10 Years After The 2010 Quake, Haiti Got Worse In 2020 Under PHTK's Government](#). Modern Diplomacy, 16 mar. 2020. Acesso em: 31 mar; 2020.
- COREIA DO NORTE — Novos testes de mísseis balísticos: [North Korea 'fires multiple suspected cruise missiles'](#). Al Jazeera, 14 abr. 2020. Acesso em: 14 abr. 2020.